



Thomas Lynch Cullen, S.J.

☆19-8-1917

† 26-6-1985

"Tu és sacerdote para sempre"

sl.110,4.

Paz! Pe. Cullen. Paz!

Era sempre assim que o Senhor, Pe. Cullen, se nos dirigia: era essa, sempre, a sua saudação, com a sua mão direita erguida; era essa, sempre, a sua maneira de cumprimentar. Portanto, Paz! Pe. Cullen.

Thomas Lynch Cullen. S.J., pastor, físico, cantor, Humanista, cidadão carioca honorário.

Já lá vão mais de dezesseis anos que eu o conheço. Era, então, o Diretor do Deptº de Física e pude, muito de perto, acompanhar e avaliar a sua importância nesse momento decisivo da implantação da Física na PUC do Rio de Janeiro. Outros te rão, possivelmente, outra visão, outra será, eventualmente, a sua análise. Quanto a mim, e disse-lho eu, pessoalmente, repetidas vezes - como repetidas vezes o tenho afirmado seja na PUC, seja fora dela - quanto a mim, repito, foi Cullen a figura decisiva, a figura que definitivamente possibilitou e assegurou, para todos os efeitos, a criação do Deptº de Física; Departamento que veio a ser, sem sombra de dúvida, um marco, um exemplo na Física, do nosso País. Foi Cullen quem propiciou as condições; foi Cullen, quem nos deu a abertura, a liberdade total de atuação; foi Cullen quem aceitou as nossas sugestões; foi Cullen quem teve a visão de nos deixar operar, sem imposições, sem restrições, sem limitações (e com muita paciência para conosco) naqueles anos decisivos em que, real e definitivamente, se estruturava o Departamento que, reconhecidamente, veio a estabelecer um padrão seguido e imitado, na pós-graduação em Física, em praticamente todo o Brasil.

Sem Cullen à testa do Departamento de Física naquele momento decisivo, eu, pessoalmente, vejo que seria muito mais difícil, muito mais penoso, se não mesmo impossível, a criação, a aglutinação, a permanência daquele grupo de gente que em poucos anos estabeleceu e fixou um nível acadêmico-científico dos melhores que as nossas frágeis instituições tropicais puderam fornecer e, sobretudo, e, acima de tudo, numa instituição, como a nossa, com as suas reconhecidas e notórias dificuldades e deficiências estruturais.

Paz! Pe. Cullen: Diretor-fundador. E isso afirmo e repeti-o eu, com a longa visão e com alguma experiência, que trinta anos de vivência universitária me possibilitam externar.

Mas falar de Cullen apenas na sua dimensão jurídica, na sua dimensão administrativa, seria absurdamente, seria toscamente reduzi-lo; seria omitir-lhe as suas características maiores; seria não me referir ao homem, seria não dizer do pastor. E também, imperfeita e muito fugidamente tenho um depoimento pessoal quanto ao homem e quanto ao pastor. Depoimento que me vem de muitas (e algumas, até, espantosamente longas) conversas com ele. Sobre problemas do Departamento, sobre Física, sobre Filosofia, sobre Religião e a questão última e primeira de Deus, sobre a natureza humana, sobre Música. Depoimento que me vem, também, do que me diziam os seus amigos, os seus

discípulos, os seus colegas. Depoimento, finalmente, que me vem das suas magníficas cartas de Natal e nas quais, com o seu perfeito domínio da sua língua, ele nos dava um retrato inteiro, um retrato muito íntimo, muito quente, muito aberto, inteiramente despojado e franco e honesto, do cientista, do pastor, do homem.

Vou, pois, permitir-me fazer-lhes algumas citações dessas cartas, livremente traduzidas e que, muito melhor do que eu, podem transmitir-lhes quem foi o Pe. Thomas.

"A vida continua à sua maneira de uma montanha-russa. É alegre, é excitante, mas eu sinto, por vezes não controlá-la. Vocês já sentiram isso?"

E quando ele nos conta da sua ida a Jerusalém e de um pneu furado à entrada da cidade e da temperatura gelada: "Se eu apenas tivesse entrado na cidade senta do num jumento!"

"Sentar-me num muro na Samaria, olhar além para o Monte Shechem e saber que era a mesma vista que Ele viu. Bebericar vinho em Canã. Eu quase nada disse naquele dia. Ajoelhar-me ao lado de uma pedra em Gethsemané; meditar no Calvário. Podia-se errar na localização por não mais de um metro ou dois. Mas a meditação de toda uma vida toma forma subitamente e um tom concreto: Aconteceu aqui!"

E ainda as suas impressões sobre a vinda do Papa ao Brasil, do encontro dele com noventa e seis intelectuais".

E também o seu relato de uma ida à América Central, à Guatemala, a São Salvador.

E sobre o Brasil, o seu "milagre", o seu súbito demais e demasiadamente desequilibrado crescimento industrial. Eu escolho apenas algumas frases: "Duas revoluções estão em andamento aqui, embora a Igreja apenas distinga uma delas. Primeiro, a atrasada revolução científica e industrial(...); segundo, a reforma agrária e a justiça social".

"Eu não sou um sacerdote para todas as estações. O meu trabalho consiste em ajudar a vinda da era nuclear, por meio de medidas de radiação".

"Roser morreu e eu assumi o Departamento. Houve, então, os anos formativos e de expansão para o Depto de Física, com a necessidade de procedimentos democráticos e de excelência acadêmica".

"A solidão é uma experiência enriquecedora. Começa-se a sentir a profundidade e os contornos do ser".

"Ao final, seremos julgados pela dimensão social de nossa pureza espiritual - servimos Cristo nos outros? Mas o princípio e o fundamento da pureza espiritual estão na experiência da solidão, esse sentimento de se possuir uma liberdade criada".

"O que eu quero dizer é simples. Lembramo-nos do que está dito no Evangelho, que se tem que morrer para se poder viver: Bem, isso funciona e é por isso que eu sou um homem feliz."

Se eu decidi "ser" alguma coisa é a do sacerdote-na-física. Física não é apenas alguma coisa que eu faça. Eu faço parte da busca do sagrado na Ciência e na Tecnologia".

E a mais de um propósito, e por mais de uma vez nas suas cartas, como, por exemplo a respeito dos Estados Unidos de hoje, dizia: "Sunt Lachrimae rerum."

"Se, a qualquer momento nos últimos dezesseis anos (isso escreveu ele em 81), eu tivesse retornado a Fordham para sempre, não creio que estaria tão cheio de vida e de vitalidade, ou tão feliz como eu me sinto aqui!"

E na carta de 82: "Dear Luciano, este foi um ano venturoso, aquele em que me tornei um "Senior Citizen" (65 anos, queria ele dizer) e o ano em que cantei para o Papa".

Aliás, não tinha assim grandes ilusões sobre a sua voz: "O material é irlandez, mas - admito - a voz é pouca. Não há ameaça de palco".

"O Celibato permite uma abertura de intimidade com muita gente, intimidade essa que, raramente, se aprofunda. E por isso que dois meses após o falecimento de um padre, raramente se fala dele. Nós nunca chegamos a significar muito para as pessoas".

Bem, Pe. Cullen, aqui, o Sr. enganou-se: a sua lembrança, a sua memória, a sua presença, permanecerão conosco, entre muitos de nós, seguramente para sempre. Es seja certo, porque nós estamos.

E ainda sobre o seu Departamento:

"Então, o inesperado desafio de continuar o grande sonho de Roser e de guiar politicamente o crescimento do D.F."(...) "foi apenas quando fui colocado na pra teleira, por doença "and all that", que comecei a meditar mais profundamente".

"Eu não me tornei um Jesuíta para ser um professor de Física; eu queria ser um sacerdote, e, portanto, eu gosto de rezar a missa para as pessoas".

"Nos últimos anos, tenho-me dedicado à orientação espiritual"(...) "Esse é o trabalho, tenho que admitir, que me dá a maior satisfação: auxiliar alguém a desenvolver a sua própria pessoa".

E nesta hora de perda tão presente, de dor, de falta, de ausência, que "Sunt lachrimae rerum", eu gostaria de terminar não numa nota de lágrimas, que essas certamente estão aqui conosco em nossas gargantas e em nossos corações, mas como ele próprio findava a última carta que dele recebi em dezembro de 83, com uma nota tão caracteristicamente sua, de alegre bom humor e de profunda humanidade. Disse ele, então:

"Recentemente, tive um agradável interlúdio. Um sobrinho e a sua futura, cansados dos "Chicago weddings"(...) vieram até cá e casaram-se na capela da nossa Universidade. Gostei de comprar as flores(...) Tivemos o coral da PUC cantando e cerca de vinte e cinco amigos. Um total de quarenta pessoas. Uma recepção no nosso jardim tropical. (...) Canções folclóricas debaixo dos bambús. E até um fotógrafo. (...) Bolo, champagne, coca-cola, etc. Prometam que nada dirão aos recém-casados, mas a coisa toda custou-me \$101. Eu estou pensando até em abrir uma agência de casamentos".

Pe. Cullen adormeceu profundamente alguns dias atrás e ficou à espera da sua chamada, que, finalmente, veio ontem pela manhã. E isso fez-me lembrar a linda lenda de S. Cristóvão, contada por Eça de Queiroz e que acaba assim:

"Mas Cristóvão parou, sem poder mais. Com o menino agarrado nos braços, ficou encostado a uma pedra, arquejando.

--- Onde é a casa de teu pai?

--- Mais longe, Cristóvão, mais longe...

Então, o bom gigante fez um prodigioso esforço, e a cada passo, meio desfalecido, os olhos turvos, a cada instante lançando a mão para se animar, tropeçando, com grossas gotas de suor que se misturavam a grossas gotas de sangue, rompeu a caminhada, sempre para cima. Os seus pés iam ao acaso, no desfalecimento que o tomava. Uma grande frialdade invadia todos os seus membros. Já se sentia tão fraco como a criança que levava aos ombros. E parou sem poder, no topo da montanha. Era o fim: um grande Sol nascia, banhava toda a Terra de luz. Cristóvão pousou o menino no chão, e caiu ao lado, estendendo as mãos. Ia morrer. Mas sentiu as suas grossas mãos presas nas do menino - e a terra faltou-lhe debaixo dos pés. Então, entreabriu os olhos, e no esplendor incomparável reconheceu Jesus Nosso Senhor, pequenino como nasceu no curral, que docemente, através da manhã clara, o ia levando para o Céu".

Obrigado por tudo Pe. Cullen e Paz! Pe. Cullen, Paz!

A. Luciano L. Videira

Departamento de Física, PUC/RJ

Prof. Thomas L. Cullen, sacerdote jesuíta

O Departamento de Física da PUC quer lembrar nosso colega Thomas Cullen também enquanto sacerdote; alguém que decidiu viver o Evangelho de maneira radical, desde a sua juventude. E hoje quantas pessoas, comunidades inteiras de religiosos, sentem-se órfãs de um extraordinário orientador espiritual.

Convivi por muitos anos com Pe. Cullen, e muitas vezes tive a felicidade de celebrar com ele os Sacramentos da Igreja. Nas missas das quintas-feiras, ao meio-dia, contávamos sempre com uma maravilhosa homília, com a voz de tenor que anunciava, solene, a comunhão, entoando o Panis Angelicus, com o abraço da paz no fim da missa.

Há poucos meses, na capela da PUC, Pe. Cullen refletia sobre a morte e a ressurreição de Jesus. Dizia ele que é fácil acreditar na tristeza e na morte; que Pilatos não duvidou da morte de Jesus, nem o centurião, nem os soldados, nem muitas pessoas que passavam pelo Calvário. Acrescentava que S. Lucas diz, em seu Evangelho que, naquele primeiro dia da semana, os próprios discípulos, vendo o Senhor ressuscitado, não acreditavam, ainda, estando fora de si com a alegria que sentiam.

É mais difícil acreditar na vida e na alegria; mas Pe. Cullen sempre acreditou. Essa é a nossa fé cristã. Ele sabia em quem punha sua confiança: Naquele que se disse a ressurreição e a vida.

E agora nós também acreditamos que é a vida que ele celebra, em plenitude, na casa do Pai.

Vera Lucia Vieira Baltar
Departamento de Física, PUC/RJ

Pe. Cullen: amigo e orientador

É muito difícil falar sobre o Pe. Cullen, e esta dificuldade é intensificada para quem, como eu, não tem habilidade em expressar-se.

O nosso relacionamento ultrapassa a relação orientador-orientada de um programa de pós-graduação. Pe. Cullen me conhecia profundamente, pelo andar, pelo olhar, ou seja, havia entre nós, uma relação de amigos que derrubava as minhas barreiras de expressão oral.

Admirava-o como profissional, como físico e como filósofo, como um homem, enfim, que buscava a raiz da verdade. Como professor, gostava de transmiti-la da maneira mais simples e natural. Cada novo passo, em posse de uma nova bibliografia que chegava às suas mãos era-nos comunicado o mais depressa possível.

Infelizmente, por razões múltiplas e muitas delas alheias à sua vontade, não o conheci no auge do seu trabalho nas pesquisas de física radiológica aplicada ao ambiente.

Sou grata por conviver com ele e por ter-me aceito como sua aluna.

Pe. Cullen tinha uma preocupação e delicadeza para com seus orientados, a fim de os ver crescer como um todo: cientistas, amantes da verdade, e como pessoas, tanto ao plano individual como ao plano social. Vibrava com as nossas conquistas e animava-nos nas nossas depressões.

Tínhamos, também, em comum a fé no mesmo Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Se hoje as lágrimas dos meus olhos cantam a saudade de você, Pe. Cullen, o meu coração contagiado pela sua alegria, pulsa na Esperança da Ressurreição e continua motivado na busca da Verdade, na Ciência e na Fé.

Marcia Terezinha Carlos
Departamento de Física, PUC/RJ

"Que eu Jamais me Separe de Vós"

Seu nascimento está justificado. Viveu para maior glória de Deus. Morreu com Ele. Com Ele ressuscitou; correspondeu ao dom. Amou. Soube valorizar a vida, o canto dos pássaros, a beleza do Rio. A amizade. A arte. As ciências.

Plenamente homem. Plenamente humano. Ser para os outros. Individuado. Amou-se. Amou a Deus. Amou-nos. Foi de doação em doação. Homem de caráter. Personalidade forte. Amadurecida. Forjada na luta pela santidade: no sacerdócio, na imitação de Cristo, na devoção mariana. Na Física, na Música, na Literatura. Grande pregador, grande diretor espiritual. Médico de almas, poeta completo, teólogo. Bem-aventurado das perseguições, da pureza de coração, da sede de justiça, da pobreza, da humildade. THOMAS LYNCH CULLEN.

Gostava de São Thomas More e de Tchaikowsky. De José Maurício Nunes Garcia e de Martin Luther King. De Gandhi e de João Paulo II. De Dom Eugenio e de Raimundo Faoro. De São João e de conhaque com café. Um místico. Um romântico. Um otimista e um apaixonado. "E virá muito mais..." (Thomas Merton)

Paulo Cesar Corga de Araujo (Leão)

Grupo de Oração do Pe. Thomas